

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

01. MARIA VELA PELA SUA FAMÍLIA MISSIONÁRIA, Ao P. Desgenettes

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 01. MARIA VELA PELA SUA FAMÍLIA MISSIONÁRIA, Ao P. Desgenettes. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/112>

This VII is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

Congregação do Espírito Santo

1. MARIA VELA PELA SUA FAMÍLIA MISSIONÁRIA

Ao P. Desgenettes³²⁴

A pedido do P. Desgenettes³²⁵, pároco de Nossa Senhora das Vitórias em Paris, sede da Arquiconfraria do mesmo nome e berço da Congregação do Sagrado Coração de Maria, o P. Libermann escreve esta “nota” para dar a conhecer as graças contínuas recebidas pela Congregação no referente à sua fundação (admirável sucesso de suas diligências em Roma) e aos seus primeiros anos de existência: ela é verdadeiramente a obra do seu Coração eminentemente apostólico e refúgio dos pecadores.

9 de Fevereiro de 1844

Querido e venerável padre,

Logo que o bom P. de Brandt³²⁶ me fez saber que você desejava uma pequena nota sobre a Obra dos Negros, pus-me logo a escrevê-la; mas fui tantas vezes interrompido que não a pude terminar na altura desejada. Prevejo que não irá incluir no seu artigo tudo o que lhe vou dizer, mas gosto de lhe dar muitos detalhes para que possa fazer uma escolha de acordo com a prudência que Deus lhe deu. Penso que será melhor você contar os factos à sua maneira, a partir do meu relato, do que inserir sem mais a minha carta, porque a qualidade da minha escrita não vai estar à altura da dos seus boletins. Além disso, os nossos contraditores diriam que foi para se falar de nós que lhe escrevi esta carta.

Vou então fazer-lhe o meu relato com simplicidade e confiança, como uma criança a seu pai.

Não há dúvida que a nossa pequena Obra dos Negros deve à poderosa proteção do Santíssimo e Imaculado Coração de Maria tanto a sua existência como todos os progressos conseguidos no pouco tempo que tem de existência. Todos os piedosos confrades que começaram e comigo continuam esta obra estão convencidos disso e os nossos corações estão profundamente reconhecidos à gloriosa Rainha do céu.

³²⁴ ND VI, pg. 37-48.

³²⁵ Cf. índice onomástico.

³²⁶ Cf. índice onomástico.

Antologia Espiritana

A Arquiconfraria intercedia por esta pequena obra junto do Imaculado Coração da nossa boa Mãe desde os seus primeiros anos de existência. Os principais membros que deviam começar a obra ainda não estavam decididos, as dificuldades que experimentavam pareciam insuperáveis, mas as orações fervorosas da santa confraria do Imaculado Coração da Mãe de Deus obtiveram o que parecia impossível. Posso também assegurar-lhe que, desde o começo, a nossa confiança para esta difícil empresa estava nas graças do Coração da nossa santa Mãe. As dificuldades ultrapassavam em muito a nossa fraqueza e, vistas as coisas apenas à luz da razão, a nossa empresa parecia-nos impossível, mas, ao mesmo tempo, tínhamos todos uma grande certeza de ser bem sucedidos. Por um lado, eu sentia uma tristeza profunda e não ousava revelar a ninguém o nosso projeto porque, pensando bem, ele parecia-me uma tolice e o mesmo deveria parecer a qualquer pessoa sensata; por outro lado, sentia dentro de mim um impulso forte e um sentimento de confiança muito grande no Sagrado Coração de Maria, sentia o sucesso garantido. As poucas pessoas a quem revelei o meu projeto eram contra e desencorajavam-me e, apesar disso, não podia deixar de seguir em frente, tanto este sentimento de confiança me impedia de dar ouvidos ao que me diziam para me desencorajar. No entanto, apesar deste impulso interior, eu queria conhecer a vontade divina sobre aquilo que são os elementos fundamentais da obra e empregar para isso os meios mais seguros de acordo com a organização estabelecida por Deus na sua Igreja.

Foi por isso que no começo de 1840 me dirigi a Roma, lá onde Nosso Senhor pôs as suas luzes para o governo de toda a sua Igreja. Apresentei-me sem certificados, sem cartas de recomendação e não procurei nenhuma proteção nem para fazer valer os meus projetos nem para solicitar a sua aceitação. Ia para conhecer a vontade divina e o que mais receava era impor a minha. Os amigos censuravam-me muitas vezes a minha inação. Tinha ainda uma outra razão. O meu projeto parecia-me tão contrário às regras ordinárias da prudência que estava persuadido de antemão que todos aqueles a quem pedisse documentos se oporiam a ele; já tinha dificuldades que chegassem, não queria suscitar outras. Assim, restava-me unicamente a confiança em Maria para me aguentar. Passei dois meses sem fazer diligências, a fim de aprender como as coisas se fazem em Roma, para agir de modo prudente nos começos. Tinha mesmo de dar um tempo assim tão considerável a isto, porque não tinha ninguém que me ensinasse como proceder nestas coisas. Todos aqueles a quem falava do meu projeto ficavam desagradados comigo e olhavam-no como uma quimera. Isso devia-se, em parte, ao facto de vir sem

Congregação do Espírito Santo

certificados nem cartas de recomendação. Ao fim destes dois meses, redigi um memorando em que traçava o essencial do nosso projeto. Apresentei esse memorando a D. Cadolini, então secretário da Propagação da Fé e agora Cardeal. Retirei-me depois para a minha solidão e esperei as ordens de Deus.

Não tinha recebido as ordens sacras, o meu estado de saúde parecia excluir-me para sempre delas e apresentava-me como devendo estar à frente duma obra eminentemente sacerdotal. Como poderia a Propagação da Fé debruçar-se sobre o meu projeto e ser-lhe favorável? Também não tinha qualquer esperança humana de obter uma resposta ao meu memorando, sobretudo depois de passados dois a três meses sem ouvir falar dele; e, por mim, não fazia nenhuma diligência para fazer avançar o meu assunto. A utilidade da obra que propunha falava por ela mesma em nosso favor e o que sobretudo me tranquilizava por completo era a confiança na bondade do Sagrado Coração de Maria e as orações frequentes e fervorosas da Arquiconfraria. Estava numa posição singular: a minha razão dizia-me que não havia nenhuma esperança de sucesso e que, por conseguinte, Deus rejeitava a obra, enquanto ao mesmo tempo o meu coração me fazia sentir uma firme certeza da vontade de Deus e do êxito. Esta certeza era tal que no momento em que tudo parecia perdido me pus seriamente a fazer o plano das linhas mestras a que devia obedecer a nossa obra, o caminho que seria necessário seguir na sua execução, o espírito segundo o qual devíamos viver.

Neste trabalho, a que dava sempre grande importância, aconteceu-me uma coisa singular, em que foi bem manifesta a proteção do Sagrado Coração de nossa boa Mãe, e que ainda agora me enche de consolação. É isto: só Tisserant era de opinião que devíamos consagrar a nossa obra ao Sagrado Coração de Maria. Le Vavas seur e eu, não achávamos que uma obra apostólica devesse ser consagrada ao Imaculado Coração de Maria, embora toda a minha confiança estivesse nesse Sagrado Coração. Pensava eu que no seu título de consagração a Sociedade devia encontrar todas as suas devoções e um modelo perfeito de todas as virtudes fundamentais do apostolado; e não sei por que razão não me veio à ideia que tínhamos tudo isso perfeitamente na devoção ao Sagrado e Imaculado Coração.

Assim, a minha atenção ia noutro sentido: ia para a Cruz. Fazia um esforço enorme por traçar o plano em questão; impossível encontrar uma única ideia, estava na mais profunda obscuridade. Fiz a visita às sete igrejas e,

Antologia Espiritana

além disso, ia visitar algumas igrejas dedicadas à Santíssima Virgem, e foi então que, sem saber porquê, dei comigo decidido a consagrar a obra ao Sagrado Coração de Maria. Entrei em casa e pus-me de imediato ao trabalho para recomeçar o plano em questão, e vi tão claro que abarcava com um só olhar todo o plano no seu conjunto e em todos os seus detalhes. Foi para mim uma alegria e uma consolação inexprimíveis. Ao longo do trabalho e na explicitação dos próprios detalhes, às vezes apresentavam-se dificuldades, outras vezes não via claro. De imediato, ia fazer uma visita a uma das igrejas da minha devoção (Santa Maria Maior, Santa Maria em Transtevere, a Senhora do Parto, na igreja dos Agostinhos, e a Senhora da Paz), e tinha a certeza que no regresso só tinha que pegar na caneta, que as dificuldades removiam-se e a dúvida esclarecia-se: isso nunca falhou.

Enquanto estava entregue a este trabalho, o Cardeal Prefeito da Propagação da Fé escreveu para França para pedir informações sobre mim. Entretanto, chegaram alguns certificados que padres piedosos me aconselharam a apresentar. O meu memorando foi examinado pela Congregação da Propagação da Fé e, ao fim de três meses, o cardeal Fransoni, informando-se sobre mim, soube que eu estava ainda em Roma, pois durante todo esse tempo, não fiz nenhuma solicitação; nem sequer me apresentei. Vivia muito retirado e contentava-me com recomendar o assunto a Deus e a Maria. A razão deste comportamento era que se Deus quisesse a obra, bastava o meu memorando, porque as santas personalidades que o tinham em suas mãos desejavam a glória de Deus muito mais do que eu. Queria que fosse Deus só a decidir o assunto, o cardeal escreveu-me uma carta de encorajamento, em nome da Congregação da Propagação da Fé. Em substância, dizia que a Sagrada Congregação, reservando-se a aprovação oficial do nosso projeto para mais tarde, desde a primeira leitura que o achou bom e útil à glória de Deus e à salvação das almas, louvava o nosso zelo, e exortava-nos a superar todas as dificuldades e a perseverar no nosso projeto. Sua Eminência acabou por dizer que rezava a Deus todo-poderoso para que me desse saúde suficiente para poder aceder ao sacerdócio e dedicar-me inteiramente a esta santa obra. A oração duma tão alta personalidade foi ouvida, a minha saúde restabeleceu-se e fui ordenado padre no ano seguinte.

Embora a minha saúde melhorasse, tive no entanto grandes dificuldades para a ordenação, e tinha uma extrema repugnância de por mim mesmo fazer diligências para isso. Não as fiz, mas Maria fê-las por mim. Fiz uma peregrina-

Congregação do Espírito Santo

nação a Loreto ainda sem nenhuma certeza acerca da obra; precisamente durante esse tempo, e sem que eu o soubesse, falou-se em meu favor a um dos mais dignos bispos de França, e esse respeitável prelado ofereceu-se para me ordenar. De volta a Roma, encontrei uma carta que me dava essa notícia. Voltei, por conseguinte, a França, e foi pelas mãos desse piedoso prelado que recebi as primeiras ordens e o Sr. Bispo de Amiens, que, depois, nos cumulou de tantos benefícios, ordenou-me padre.

Começámos a nossa obra sob a proteção e com a ajuda do Sr. Bispo de Amiens, que nos dispensou muitas atenções. Éramos três. Foi então que a proteção do Imaculado Coração de Maria se revelou mais uma vez. Pouco faltou para que pessoas muito piedosas, muito sábias e zelosas da glória de Deus deitassem tudo a perder fazendo crescer a cizânia entre nós por palavras ditas com boa intenção a um dos fundadores principais da obra. Parece não haver dúvidas de que tudo estaria perdido se não fosse a intervenção de Maria. Essas palavras, repetidas muitas vezes, deixaram uma tal impressão no meu piedoso confrade que, durante os primeiros dois meses, nem sequer desconfiava que se tratava duma tentação. Sofri muito com isso, sem o poder remediar. Três dias antes da festa da Apresentação, tive a ideia de recomendar o assunto ao Sagrado Coração de Maria. Passei então esses três dias em oração. Ao chegar o dia da festa, aconteceu como que uma revolução no coração desse caro confrade. Veio ver-me, dizendo que a Santíssima Virgem lhe obtivera uma mudança completa. Então, com confiança, revelou-me o que se passava em seu coração e tomou a firme resolução de combater essas tentações com todas as forças. Foi fiel: mal se dava conta desses sentimentos de desunião, recorria logo ao Imaculado Coração, e era atendido também de imediato. A sua luta durou até ao começo de Fevereiro. Em finais de Janeiro fora a Paris fazer a sua consagração ao Sagrado Coração de Maria, aos pés do altar de Nossa Senhora das Vitórias. Queria obter a libertação dessa má tentação que o levou a estar tão contra mim. Passou diante do altar do Imaculado Coração de Maria toda a noite anterior à festa da Purificação e aí foi completamente curado. Disse-me, numa carta, que tinha recebido a graça de um coração totalmente diferente em relação a mim, e desde então reina entre nós uma perfeita união.

Mais ou menos por essa altura, tivemos uma outra grande graça do Imaculado Coração de Maria; foi a missão do Haiti, que era uma das que primeiro foi objeto da nossa atenção e proposta como objetivo da nossa associação.

Antologia Espiritana

Como quem nos reuniu foi o Imaculado Coração de Maria, esta boa Mãe quis-nos fazer sentir que recebemos tudo do seu santo e imaculado Coração, e por isso as nossas duas grandes missões, a do Haiti e a da Guiné foram-nos dadas em Nossa Senhora das Vitórias. Conhece o resto dessa história melhor que eu, porque a santa Mãe de Deus serviu-se de si para nos dar essas duas missões.

No entanto, a questão do Haiti baralhara-se novamente e estávamos num momento muito crítico. Nessa altura, tínhamos cinco missionários prontos para partir, e não tinha missão para lhes dar. Fiz uma viagem a Paris para recomendar a nossa obra ao Sagrado Coração de Maria e ao mesmo tempo para ver em que ponto estavam os processos. Encontrei as coisas em tal estado que não havia qualquer esperança de obter uma missão, antes de dezoito meses ou dois anos. Lembro-me ainda de que descí consigo os degraus de Nossa Senhora das Vitórias e lhe disse: “padre, estamos sem saber o que fazer”. – “Porquê?”, disse-me. – “Falta-nos terra”. – “Como?, retorquiu-me, não têm dinheiro”? – “Oh não; não é isso, a Santíssima Virgem não nos deixa faltar nada; mas não temos para onde ir, todas as portas se nos fecham”. Você procurou consolar-me, mas não era preciso; porque, apesar da espécie de tristeza em que me encontrava com cinco missionários impacientes por causa de estarem retidos há tanto tempo e já tentados a desanimar devido a esta demora sem fim à vista, não me sentia minimamente inquieto. Eu não entendia a razão da minha tranquilidade, não sabia a que atribuí-la a não ser ao facto de ter o meu espírito sempre voltado para o Sagrado Coração de Maria, e sentia dentro de mim uma calma e uma confiança cuja origem nem eu vislumbrava. Lembro-me bem de ter-lhe dito, ao canto da sua lareira, que tinha a certeza de que em breve teríamos uma missão, que estava calmo e que não podia explicar essa tranquilidade, mas que o Coração de Maria nos preparava uma missão e que esta boa Mãe fazia que eu estivesse sereno enquanto esperava. Deixei Paris nesse mesmo dia.

No dia seguinte, D. Barron, vigário apostólico da Guiné, veio prestar a sua homenagem a Maria, no altar do seu Imaculado Coração, em Nossa Senhora das Vitórias. Falou consigo sobre o seu vasto vicariato e da falta que tinha de padres. Por incrível que pareça, você não se lembrou de lhe falar de nós! Na véspera, tinha ficado muito chocado com a nossa apreensão; apresenta-se, nesse dia, uma tão bela ocasião para ajudar os seus filhos, os filhos do Sagrado Coração de Maria, e esquecia-os tão depressa! Vejo só uma explicação: Maria queria mostrar-nos que tudo nos vem pelo seu Imaculado Coração. Depois de ter conversado com o piedoso vigário apostólico da

Congregação do Espírito Santo

Guiné, e de lhe não ter apontado nenhuma solução, foi até junto do altar do Imaculado Coração, e foi então que teve como que uma inspiração súbita e interior a dizer-lhe que essa missão era para nós; falou disso a D. Barron³²⁷; e, um dia depois de eu ter chegado a Amiens, tinha de voltar a Paris, para concluir um assunto que Maria já tinha começado por nós.

Eis algumas das graças especiais de que o admirável Coração de Maria nos cumulou. Mas nem era preciso entrar em tantos detalhes para reconhecer os favores do Imaculado Coração de Maria a nós concedidos; basta considerar com que recursos começámos, e que, neste breve espaço de tempo, atingimos um ponto tal que se diria que existimos há já 10 anos. Tínhamos tudo contra nós e nada a nosso favor. O que dirige a obra, numa situação tal que parece excluído para sempre duma obra desta natureza, ainda por cima porque nem sequer devia esperar receber o sacerdócio; os seus companheiros, jovens sem experiência. Apresentam-se em Roma diante dos superiores eclesiásticos sem ter a seu favor nem uma boa apresentação ou garantia nem qualquer apoio. Para apresentar têm tão só um plano; tudo o mais é pobre, doente, sem poder, sem nenhum recurso e sem meios humanos. Por isso o que era de esperar eram recusas, sobretudo lá, onde as pessoas são cheias de sabedoria; mas aí é também o Espírito Santo que conduz tudo, e é nisso que eu encontro a minha grande alegria e a minha inesgotável consolação. O Espírito Santo conduz o Chefe da Igreja e os que o ajudam a governá-la. Por eles, deu-nos encorajamentos e uma espécie de aprovação escrita, e esses encorajamentos foram reiterados várias vezes nas cartas que Sua Eminência, o Cardeal Prefeito da Propagação da Fé, nos dirigia. Quem fez tudo isso? O nosso mérito, o nosso talento, as nossas qualidades, o nosso engenho? Nada disso. Eu nada fiz, deixei que fosse Maria a fazer tudo, pondo toda a minha confiança na incomparável bondade do seu Imaculado Coração.

Depois de ter obtido dos superiores esta aprovação, depois de ter sido ordenado padre contra toda a esperança, fui fundar a pequena Sociedade na diocese de Amiens. Éramos três e sem recurso algum. Passados dois anos, possuíamos aí uma casa e um terreno para o nosso noviciado e, além disso, com que manter uma quinzena de missionários. Temos neste momento doze missionários já a trabalhar, um décimo terceiro pronto para partir, e ainda quatro irmãos; na casa do noviciado temos sete eclesiásticos e três irmãos. Temos ainda o negrinho cuja história conhece e que nos foi enviado por Maria, pois

³²⁷ Cf. índice onomástico.

Antologia Espiritana

foi na peregrinação que um dos nossos padres fez a Nossa Senhora do Bom Sucesso que foi descoberto e trazido para aqui³²⁸. Um maior número ainda se anuncia para o futuro. No entanto, nada fizemos para atrair gente, eu gostava mais de não falar de nós e deixar que fosse a divina Providência a dar-nos a conhecer. É uma norma de conduta que me impus a mim próprio, esperar em tudo os momentos da Providência. Tenho a certeza de que com a ajuda das orações do Imaculado Coração de Maria esta maneira de fazer dá sempre certo.

Agora vou dizer-lhe uma palavra acerca das nossas missões. Começámos ainda há muito pouco tempo para poder já apresentar-lhe resultados. Temos quatro missões: Maurícia, Bourbon, Haiti, e Guiné. Para começar é de mais. Foi a custo e contrafeitos que as aceitámos. Pedi para ser aliviado de duas delas, mas a Santa Sé achou que não devia deferir o nosso pedido.

1º Temos sete padres e um irmão na Guiné. Lá, fomos obrigados a abrir três centros missionários: um em Garroway, outro na Assínia e o terceiro no Gabão. Sabe quanto o Ministério nos atribuiu: 1500 francos a cada padre, 400 a cada irmão, uma casa, uma capela com o que é necessário para o culto e várias outros benefícios; e, a par disso, a proteção do Governo.

2º Em Bourbon temos três missionários. Estão lá há cerca de um ano e é de tal ordem o bem que fazem que não conseguem dar vazão aos seus trabalhos; temo muito que a saúde deles se ressinta disso. Pedem-me mais missionários e não estou em condições de os fornecer.

3º Em terceiro lugar vem a ilha Maurícia: só podemos ter lá um missionário porque o Governo inglês não permite a entrada a mais nenhum padre francês. Pedi ao Cardeal Frasoni permissão para retirar o P. Laval³²⁹. Respondeu-me que ia tratar disso com o vigário apostólico da ilha, que dentro de pouco viria a Roma. Estou convencido que me vai pedir para o deixar continuar, porque é de tal ordem o bem que ele faz lá que o bispo da ilha Maurícia faria tudo o que lhe fosse possível para o manter lá.

Finalmente, temos o P. Tisserant em São Domingos, e vamos enviar-lhe um padre e um irmão, que irá trabalhar como professor. A religião na ilha está

³²⁸ Trata-se de Thiekoro, Bambara, já referido em nota de rodapé, 2ª parte, cap. III, 5.

³²⁹ Cf. índice onomástico.

Congregação do Espírito Santo

em perigo, os protestantes querem semear o erro; os ministros metodistas fazem quanto podem para se apoderarem dessa terra, e o comportamento dos maus padres obteve para aqueles as boas graças de alguns espíritos transtornados, de modo que têm feito muito mal.

No entanto, as autoridades são a favor do catolicismo e pedem bons padres ao P. Tisserant. É o general Hérard e a municipalidade de Porto Príncipe que pedem bons padres ao P. Tisserant. O cardeal Prefeito da Propagação da Fé escreveu-me que é preciso enviar gente para lá e quer que fiquemos encarregados dessa missão. Haverá lá muitas dificuldades e trabalho, mas também boas esperanças, dada a boa disposição das pessoas que regressam ao catolicismo.

(Nota do P. Cabon: O resto é da mão do Venerável Padre).

Meu bom e caro Padre,

Demorei a enviar-lhe esta nota porque o P. de Brandt disse-me que só sairá no seu Boletim nº 5. Uma outra razão ainda, é que não estou satisfeito com ela, pois parece-me mal redigida. Por isso, pedir-lhe-ia, meu caro padre, para não a inserir tal qual no seu Boletim, mas para extrair dela o que julgar conveniente, recompondo-o ao seu estilo, tendo em consideração o que lhe disse sobre o que o Sagrado e Imaculado Coração fez por nós. Para nós será até melhor assim. Temos inimigos que ficariam muito contentes por poderem dizer que procuramos a publicidade.

Se achar que este memorando está demasiado mal feito ou que não satisfaz, queira dizê-lo e fá-lo-ei de novo adotando uma outra postura.

Gostaria muito de estar um pouco consigo! Precisava de o consultar sobre alguns assuntos. É difícil fazê-lo por escrito. Um pouco mais lá para diante, hei de lhe falar com mais algum detalhe do que se refere ao Haiti. Recebi, depois da minha última carta para si, uma segunda carta do Cardeal Fransoni, que me pede para enviar ajuda ao P. Tisserant. Vou-lhe enviar um padre mais um irmão, que irá trabalhar como professor, sem dar a conhecer que é irmão. Irá ainda também mais um padre que não é da nossa Congregação.

Antologia Espiritana

Em breve, dar-lhe-ei conhecimento das notícias que recebi de Bourbon. São muito interessantes; mas o que me aflige é que os nossos padres não me digam nada sobre a Arquiconfraria que devem lá ter estabelecido. Vou falar-lhes disso na próxima carta.

Sou, como sempre, o seu muito reconhecido, afetuoso e respeitoso filho e servo na caridade do Sagrado e Imaculado Coração de Maria.

F. Libermann,
padre missionário do Sagrado Coração de Maria.